

As mulheres, o ideal e o espelho em Nietzsche.

Igor Freitas Martins¹

RESUMO

Este texto busca interpretar duas linhas de uma sentença nietzscheana que diz respeito às mulheres. Trata-se de uma interpretação do aforismo 86 de *Além do Bem e do Mal* que fala sobre um certo desprezo das mulheres pela mulher e propõe a ideia segundo a qual o desprezo das verdadeiras mulheres não é idêntico ao desprezo dos homens cristãos, pois eles são direcionados para lados diversificados. A ideia a ser proposta é a de que, diferente do desprezo do homem cristão que quando despreza o homem também despreza a si mesmo, o desprezo das verdadeiras mulheres não é o desprezo delas por elas mesmas.

PALAVRAS-CHAVE

Desprezo. Verdadeiras Mulheres. Mulher em si.

¹ Discente do programa de pós-graduação (mestrado) em Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Email: igorf.reitas@outlook.com.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0835814827827676>.

Women, idealism, and the mirror in Nietzsche

ABSTRACT

This text seeks to interpret two lines of a Nietzschean sentence that concerns women. It is an interpretation of aphorism 86 from the book *Beyond Good and Evil*, which asserts a contempt of women for women and presents the idea that the contempt of real women is not identical to the contempt of Christian men, because they are directed in different directions. The idea proposed is that, unlike the Christian man who when he despises man also despises himself, the contempt of true women is not the contempt of women for themselves.

KEYWORDS

Contempt. Real Women. Woman Herself.

Introdução

Este texto é fruto de pesquisa empreendida acerca da filosofia de Friedrich Nietzsche e sua relação com as mulheres e o feminino. Scarlett Marton em seu texto *Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher* (2010), afirma que se tratando da pesquisa acerca do posicionamento de Nietzsche sobre as mulheres é preciso levar em conta que “duas têm sido as perspectivas adotadas: debater acerca das eventuais contribuições da filosofia nietzscheana para as discussões feministas e discutir como interpretar as observações de Nietzsche a propósito das mulheres (MARTON, 2010, p. 162).

Levando em consideração essas “vertentes” da pesquisa sobre o tema feminino em Nietzsche apontadas por Marton, de saída é preciso deixar claro que este texto está inserido na segunda vertente, isto é, a vertente de interpretação e discussão dos aforismos nietzscheanos.

Muitas passagens da obra do autor alemão carecem de explicações, são passagens rápidas, sucintas e lacônicas que, na maioria das vezes, inquieta o leitor. Nesse sentido, o pesquisador, se quiser ampliar sua compreensão da filosofia nietzscheana, é impelido ao trabalho de rastreamento dos termos filosóficos de Nietzsche e a identificação de vetores que permitam passar de um aforismo a outro. Em suma, para dizer de uma forma menos rebuscada, o pesquisador é impelido a montar um quebra cabeça cujas peças não estão prontamente dadas. É nesse contexto de extensão da explicação lacônica acerca das mulheres que o objetivo deste texto se coloca: apresentar uma interpretação para a sentença 86 de *Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro* (2011). Esta é uma sentença que, se considerada isoladamente, não diz quase nada. Ela é edificada em apenas duas linhas e em uma primeira vista coloca em cena a imagem da mulher, do desprezo, da vaidade, da pessoalidade e impessoalidade desses afetos.

São esses, portanto, os termos a serem seguidos. É claro que se fosse empreendido o trabalho de rastreá-los completamente, isto é, de buscar todas as suas aparições e as relações que eles mantêm com outros termos em toda a obra do autor, cair-se-ia em um trabalho exaustivo, longo, complexo, enfim, impossível de ser apresentado no momento. Por isso, o empreendimento aqui iniciado é circunscrito aos termos e as relações já dispostas na sentença 86, restando apenas interpretá-las com a ajuda dos “vetores” e das diferentes “peças” apontadas.

A primeira parte do texto trata de verificar se o ato de desprezar, que aparece na sentença 86, é um autodesprezo ou um desprezo pelo outro. Para tanto, o livro *Humano, Demasiado Humano* (2000) é de suma importância, pois lá Nietzsche apresenta os

“portadores” do autodesprezo, doença que, para o autor, é típica de um gênero, é própria de um sexo específico.

Na primeira parte do texto ocorre que o foco que deve ser interpretado são os atos dos personagens que aparecem na sentença 86 – como é o caso do ato de desprezar ou do ato de se ter em boa conta, de se envaidecer –, já na segunda parte do texto aparece a necessidade de caracterizar os agentes, isto é, caracterizar os personagens que desprezam e são desprezados. Para que isto seja possível autores brasileiros especialistas na obra do autor alemão – como Oswaldo Giacoia e Scarlett Marton – são necessários como bibliografia secundária. Por fim, torna-se possível retomar a sentença 86 respondendo as várias questões que surgiram ao longo do percurso.

Desenvolvimento

Na sentença 86 de Máximas e Interlúdio, quarta parte de *Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro*, Nietzsche afirma que “mesmo as mulheres, no fundo de sua vaidade pessoal, têm sempre desprezo impessoal por ‘a mulher’ ...” (2011, p. 81). Nietzsche estaria, aqui, afirmando que as mulheres possuem autodesprezo? Ou, diferentemente, o objeto desprezado pelas mulheres – chamado mulher – não é idêntico àquelas que desprezam e, por isso mesmo, o significado desse aforismo vai além de um desprezo por si mesmas presente nas mulheres?

Em *Humano, Demasiado Humano* o autodesprezo aparece para Nietzsche como um elemento do cristianismo ao fazer uma análise puramente psicológica da necessidade de redenção cristã. É por se comparar à Deus, dirá Nietzsche, que o ser humano se amargura consigo mesmo e quer curar seus infortúnios. Ao agir, o ser humano possui consciência que certas ações realizadas por ele são consideradas ações baixas ou más e almeja realizar outros tipos de ações – superiores e boas. Ele sabe que as ações pessoais estão em posição inferior na hierarquia social e por isso deseja as ações impessoais posicionadas no topo da hierarquia. Porém, como o desejo de mudança das suas ações pessoais não é realizado, surge mal-estar e com ele o desejo de um curandeiro. Esse estado de desprazer consigo mesmo não ocorre apenas porque é impossível trocar as ações pessoais baixas por ações impessoais superiores.

Na perspectiva de Nietzsche (2000, p. 86), o cristão não vê em Deus apenas um espelho, mas também vê a mão punidora da Justiça e por isso “em todas as vivências possíveis, grandes ou pequenas, acredita reconhecer a cólera e as ameaças dele [Deus] e, mesmo pressentir os golpes de açoite de seu juiz e carrasco”. Como não consegue agir

impessoalmente e, ao mesmo tempo, tem como parâmetro de comparação um Deus considerado completamente impessoal, em cada ação pessoal o cristão se auto despreza e teme a cólera de Deus.

Mas isso só ocorre, cogita Nietzsche, por causa da falsa interpretação das ações, dos motivos e dos sentimentos que a acompanham, realizada pelo cristão. Nietzsche afirma isto:

Confessemos a nós mesmos que o homem não caiu nele por sua ‘culpa’ ou ‘pecado’, mas por uma série de erros da razão; que foi uma falha de espelho, se sua natureza lhe pareceu obscura e odiável a esse ponto, e que esse espelho foi obra sua, a obra muito imperfeita da imaginação e do juízo humano (NIETZSCHE, 2000, p. 62).

Um ser que age de maneira completamente impessoal, altruísta, é impossível de existência na perspectiva de Nietzsche. Não é possível um ego agir sem ego. Mesmo a impessoalidade do Deus-amor pulveriza-se visto que o amor não é um sentimento impessoal na perspectiva do filósofo alemão. O homem cristão cria para si a ideia que utiliza para comparar-se, uma ideia que, realmente, é impossível de ser realizada.

Por ser uma interpretação e, segundo Nietzsche, ser uma interpretação ruim, o autodesprezo se esvaneceria se o espelho que o produziu fosse quebrado. Em outras palavras, se o homem chegasse a conclusão de que suas ações são necessárias e de que o espelho que eles se comparam é, na verdade, uma ficção criada por eles próprios, o sentimento de culpa por agir como se age também deixaria de existir. Como Nietzsche deixa claro no aforismo 135 de *Humano, demasiado Humano* (2000):

Determinada psicologia falsa, certa espécie de fantasia na interpretação dos motivos e vivências são o pressuposto necessário para que alguém se torne cristão e sinta necessidade de redenção. Percebendo a aberração do raciocínio e da imaginação, deixa-se de ser cristão (2000, p. 64).

Na verdade, Nietzsche não acredita que as ações, as vivências, são condicionadas por uma vontade ou livre-arbitrário, ao contrário, existe uma necessidade incondicional em todas as ações humanas. Mas essa má interpretação das ações e sentimentos é fruto do quê? Para

Nietzsche, essa má interpretação da natureza é fruto da reflexão de certo tipo² de homem, que é um tipo de homem debilitado e doente chamado santo cristão³.

O autodesprezo é “um meio pelo qual essas naturezas lutam contra a fadiga geral de sua vontade de viver” (NIETZSCHE, 2000, aforismo 140, p. 66). A luta, a batalha contra um adversário é um meio para aliviar o tédio, e esse tipo de homem vai encontrar o seu inimigo dentro de si mesmo. “Endeusando” a natureza e, portanto, se endeusando, esse tipo de homem pode desprezar-se e estimular-se com o desprezo produzido, ele “utiliza sua própria tendência à vaidade, a sede de glória e domínio, e também seus apetites sensuais, para considerar sua vida uma contínua batalha e a si mesmo um campo de batalha, no qual lutam, com êxito variados, bons e maus espíritos” (NIETZSCHE, 2000, aforismo 141, p. 64). A vaidade, o desejo por controle e dominação, a sensualidade, forças próprias da natureza, transformam-se em maus sentimentos a partir da interpretação do santo cristão e se associam ao autodesprezo.

Os elementos da sentença 86 estão presentes nessa psicologia do cristão que busca por redenção. Nesta, o desprezo, a vaidade, a pessoalidade e a impessoalidade estão presentes, assim como na sentença 86 referente às mulheres. Pode-se cogitar, portanto, que as mulheres aparecem na sentença 86 partilhando dessa tal psicologia do cristão à procura da redenção? As mulheres, buscando a impessoalidade própria do espelho-Deus, desprezam aquilo que têm de mulher e não de espelho?

“A mulher” desprezada pelas mulheres é considerada como a parte má do interior destas e, portanto, erro diante do espelho? Todas essas perguntas poderiam ser respondidas afirmativamente se fosse confirmado que na sentença 86 as mulheres e “a mulher” são idênticas. Se as mulheres são apenas múltiplas representações de uma essência-mulher e esta é desprezada por aquelas, então sim, as mulheres de tal aforismo são um estilo de santo cristão que se desprezam para estimular a vontade de vida esmagada. Porém, existem alguns pontos que apontam para a negatividade da resposta dada à pergunta “as mulheres e ‘a mulher’ da sentença 86 de *Para além do Bem e do Mal* são idênticas?” e, conseqüentemente, fazem crer que ‘a mulher’ é outra figura feminina, é uma figura diferente das mulheres das quais fala Nietzsche.

2 A análise dos “tipos humanos” está presente em toda a obra do autor alemão. Normalmente, Nietzsche demarca cada tipo humano com um conjunto característico de comportamentos, sentimentos, e modos de atribuir valor moral. Para mais detalhes da “tipologia nietzscheana”: C. f. SILVA, Wagner da. *A Tipologia Nietzscheana*. 2008.

3 O santo cristão é apenas um tipo de homem exposto por Nietzsche. Existem outros. Mesmo em *Além do Bem e do Mal* aparecem esses outros tipos de homens, mas para o objetivo firmado por esta pesquisa não é preciso expor quais tipos são esses. Para mais detalhes: C. f. MARTON, Scarlett. *Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher*. 2010, p. 175.

Em primeiro lugar, a própria disposição dos elementos presentes na sentença 86 faz crer que a diferença entre “as mulheres” e “a mulher” não é meramente a diferença entre plural e singular ou fenômenos e essência. Na verdade, o desprezo das mulheres pela mulher não se assemelha ao autodesprezo cristão. O desprezo do santo cristão é direcionado ao inimigo interior, é voltado para “os maus espíritos” da vaidade, do desejo de dominação, etc.; mas o desprezo presente na sentença 86 não é direcionado à vaidade e ao interior, ao contrário, é por ter uma vaidade pessoal que as mulheres desprezam “a mulher”, é por sentirem que “a mulher” viola essa vaidade que ela é objeto de desprezo. Assim, pode-se perceber que, por um lado, o desprezo do santo cristão é o desprezo do seu interior, de suas emoções, paixões e afetos e, por outro lado, o desprezo das mulheres da sentença 86 é um desprezo “impessoal pela ‘mulher’”. Isto é, um desprezo por algo que não diz respeito às mulheres. O que é pessoal para as mulheres da sentença 86 de *Além do Bem e do Mal* é a vaidade, esta não é desprezada, mas sim desprezadora.

Outro indício de que a sentença 86 não trata do desprezo da mulher por ela mesma é a de que para Nietzsche o desprezo pelo seu próprio interior é uma patologia que diz respeito aos homens. No aforismo 384 de *Humano demais Humano* isso fica claro. Esse aforismo chama-se *Uma doença masculina*, e ele diz isto: “para a doença masculina do autodesprezo o remédio mais seguro é ser amado por uma mulher inteligente” (2011, p. 132). Em outras palavras, o santo cristão, aquele que esgotou sua vontade de viver e busca estimular-se através das guerras interiores, é o homem. As mulheres, mais especificamente um tipo de mulher que é a mulher inteligente, não são as portadoras da doença, antes, elas são apresentadas por Nietzsche como possuidoras da cura do autodesprezo masculino.

Nesse aspecto, é impossível que o desprezo apresentado na sentença 86 de *Além do Bem e do Mal* seja o desprezo por si mesmo, pois o sujeito desprezador que aparece nesse aforismo não é acometido pela doença do autodesprezo. O autodesprezo é uma doença dos homens. É preciso deixar claro que a cura dessa doença são “as mulheres inteligentes”. Porém, será que existe outro tipo de mulher que ao invés de curar o autodesprezo o desenvolva e o fortaleça? Será que há mulheres doentes, mulheres com a vontade de vida debilitada, semelhante ao cristão que procura redenção?

Concordamos com Giacoia Junior, especialista brasileiro na obra do autor alemão, quando ele defende a ideia segundo a qual a sentença 86 de *Além do Bem e do Mal* deve ser lida em consonância com a sentença 127 e o aforismo 232 desse mesmo livro e que, todos estes, estão inseridos no contexto geral da crítica realizada por Nietzsche ao dogmatismo

filosófico⁴. É perpassando esses aforismos do autor alemão que se pode responder às questões “por que a mulher é *desprezada* pelas mulheres?”, “qual a *diferença* entre a mulher e as mulheres, além do fato de que uma é desprezada pelas outras?”, “por que a vaidade pessoal das mulheres produz um desprezo impessoal pela mulher?”. Tantas perguntas não seriam respondidas se apenas a pequena sentença 86 fosse considerada, mas Giacoia apresenta uma chave de interpretação pertinente em seu texto *Nietzsche e o Feminino* (GIACOIA, 2002).

Nietzsche (2011, p. 87), no aforismo 127 coloca em evidência uma figura do feminino nomeada por ele de “verdadeiras mulheres”. De acordo com ele “para as verdadeiras mulheres, a ciência é despuorada. Elas têm a impressão de que são olhadas por baixo da pele – pior ainda! Por baixo das roupas”. Para as verdadeiras mulheres, a vontade de verdade científica renega algo que para elas é essencial: o pudor. E o tom de desprezo e pudor por essa verdade científica aparece no enunciado “pior ainda! Por baixo das roupas”. De acordo com Giacoia, tanto o aforismo 127 como a sentença 86 fazem “alusão telegráfica” a crítica realizada por Nietzsche à vinculação entre Esclarecimento, verdade científica, e a emancipação feminina presente no aforismo 232 (GIACOIA, 2002). Mas antes de iniciar a análise do aforismo 232, já é possível cogitar, junto com Giacoia, que a imagem “as verdadeiras mulheres” do aforismo 127 se identifica com a imagem “mulheres desprezadoras” da sentença 86. Como as mulheres verdadeiras desprezam o despuor da cientificidade, “a mulher” da sentença 86, nesse aspecto, deve corresponder à alguma imagem dessa vontade de verdade que é desprezada⁵. São, portanto, diferentes tipos de mulher. E isso vai de encontro com Scarlett Marton quando ela afirma isto:

Nietzsche recorre à tipologia de várias maneiras. Dela ele se serve para examinar diferentes tipos de mulheres a partir de suas motivações de ordem psicológica, ou seja, de seus impulsos, afetos e pulsões – e igualmente diferentes tipos de homens. A ela recorre para diagnosticar diferentes imagens do feminino a partir das imagens que os homens constroem das mulheres – mas também diferentes imagens de homens a partir de certa imagem que eles próprios construíram das mulheres (MARTON, 2010, p. 175).

4 Giacoia defende a ideia segundo a qual a discussão acerca do feminino em Nietzsche, principalmente em *Para Além do Bem e do Mal*, não é meramente uma discussão de moda ou fragmentos de sentenças desconexas do conteúdo filosófico dos escritos do filósofo alemão. Ao contrário, tal discussão vincula-se diretamente a crítica à metafísica e a tentativa de transvaloração dos valores morais. Para mais detalhes: C. f. GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche e o Feminino*. 2002, p. 10.

5 Ao longo dos livros de Nietzsche vários tipos de mulher são apresentados. Marton, por exemplo, indica que pelo menos onze tipos são identificados apenas do parágrafo 63 ao parágrafo 75 de *A Gaia Ciência*. Mas está longe dos limites deste trabalho destrinchar todos esses tipos. C. f. MARTON, Scarlett. *Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher*. 2010, p. 174.

O aforismo 232 apresenta uma resposta do que seria essa figura do feminino vinculada a vontade de verdade dogmática. Como afirma Giacoia, nesse aforismo “Nietzsche põe em cena duas figuras do feminino, uma positiva e outra negativamente valorada” (GIACOIA, 2002, p. 14). Aparecem, por um lado, a mulher científica que quer esclarecer o homem sobre a mulher em si, como é denominada por Giacoia (2002); e surgem, por outro lado, as verdadeiras mulheres, as mulheres do eterno feminino, as autênticas mulheres. A seguir será enfatizado certas passagens do aforismo 232 que indicam diretamente as características dessas duas imagens do feminino.

De acordo com Nietzsche a mulher emancipada ou, como diz Giacoia, a mulher científica, ela

quer se emancipar e, para isso, começa a esclarecer o homem sobre “a mulher em si”. – Esse é um dos progressos mais deploráveis do *afeamento* geral da Europa [...]. Não é uma prova de supremo mau gosto essa fúria da mulher em querer tornar-se cientista? Até agora, graças à Deus, a explicação era assunto dos homens, um dom masculino – a permanecer assim “entre si” (NIETZSCHE, 2011, p. 154).

A explicação, a ciência, a vontade de verdade a todo custo, o dogmatismo filosófico era, segundo o filósofo alemão, característica dos homens. Porém, Nietzsche acredita que isso está mudando: uma nova figura de mulher, que não é a verdadeira mulher, começa a ser delineada: surgem as mulheres masculinizadas, mulheres que não são verdadeiras mulheres, mas mulheres em busca da Verdade. Masculinizar o eterno feminino, torná-lo cientista, atribuir-lhe um “em si”, é esse o perigo salientado por Nietzsche e presente na imagem da mulher emancipada⁶. Para emancipar as mulheres através da ideia de mulher em si “é necessário desenraizar a mulher da carne da terra, exaurir todo o seu sangue, fogo e paixão, privá-la do corpo feminino, transfigurar a mulher em uma abstração [...]” (GIACOIA, 2002, p. 15). As características das verdadeiras mulheres são, por outro lado,

sua perspicácia e sua arte, aquela da graça e do jogo, a arte de eliminar as preocupações, de aliviar os sofrimentos e de conferir-lhes pouca importância, sua habilidade delicada para as paixões agradáveis! [...] Creio que a aparência faz parte do “eterno feminino” [...]. Mas ela não quer a verdade. Que importa a verdade para a mulher? Nada desde as origens é mais estranho, mais antipático, mais odioso para a mulher do que a verdade. Sua grande arte é a mentira, seu

⁶ Giacoia sublinha a ligação do aforismo 232 com o prefácio de *Além do Bem e do Mal* e à crítica ao dogmatismo filosófico que lá aparece. Para Nietzsche um dos maiores erros da humanidade foi a criação do espírito puro e do bem em si, efetivado por Platão. A criação da mulher em si, portanto, remeteria a esse erro, ela seria uma reedição estratégica desse erro platônico. C. f. GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche e o Feminino*. 2002, p. 15.

negócio mais proeminente é a aparência e a beleza (NIETZSCHE, 2011, p. 154).

Isso quer dizer que as verdadeiras mulheres, muito diferentes da mulher masculinizada, não empreendem uma vontade de verdade a todo custo e, por consequência, não se identificam com a ideia de mulher em si. Ao contrário, sua arte é a arte das máscaras e dos adornos. As verdadeiras mulheres não consideram os sistemas filosóficos, preferem os jogos. Nesse aspecto, a verdade entendida dogmaticamente não é valorizada pela mulher autêntica, antes, ela é vista como um sinal de profundo mau gosto e despudor. De acordo com Giacoia (2002, p. 16), a imagem nietzscheana da verdadeira mulher “representa um potencial de autenticidade e resistência ao edulcoramento romântico do idealismo, que prega ‘a mulher em si’”. A mulher emancipada é chamada por Giacoia de mulher científica; as autênticas mulheres, as verdadeiras mulheres, podem ser chamadas de mulheres artistas.

Considerações finais

Antes de fechar o círculo e retornar à sentença 86, pode-se ainda questionar quem foi o criador do ideal de “mulher em si”. Pois ainda é possível que as mulheres desprezadoras presentes na sentença 86 estejam a desprezar algo que elas mesmas criaram. Porém, este não é o caso. E isso fica claro no final do aforismo 232 em que Nietzsche (2011, p. 155) questiona, “e não é verdade que, em termos gerais, ‘a mulher’ foi sobretudo pouco estimada pelas mulheres e não por nós?”. Com esta questão Nietzsche salienta que o ideal de mulher, a mulher em si, é desejada principalmente pelos homens. Mas ela não é só desejada, no sentido em que a mulher em si veio a existir em forma de ideia e somente depois os homens começaram a desejá-la.

Na verdade, ela é produto do próprio desejo masculino. E isso é evidenciado na sentença 13 da primeira parte do livro *Crepúsculo dos ídolos* intitulada *Máximas e flechas* (2006), onde Nietzsche (2006, p. 09) afirma que “o homem criou a mulher – mas de quê? De uma costela de seu Deus – de seu ‘ideal’”. Em suma, a mulher em si é produto dos homens. Marton (2010, p. 170), ao interpretar outras obras de Nietzsche, faz uma afirmação que também serviria para esse contexto. Ela diz: “assim como os amantes têm uma imagem idealizada das mulheres e não suportam que a natureza venha contradizê-la, os devotos possuem uma imagem idealizada de Deus e tampouco toleram que a natureza a ela venha contrapor-se”. A sentença 13 do *Crepúsculo dos ídolos* permite relacionar diretamente a

sentença 86 de *Além do Bem e do Mal* com o autodesprezo masculino presente em *Humano, Demasiado Humano* exposto inicialmente. Isso porque ela deixa claro que o ideal de mulher em si é uma produção dos homens brotada do espelho distorcido que eles mesmos criaram devido a sua fadiga vital. Em uma dimensão os homens doentes, cansados, tediosos, se utilizam do espelho produzido por eles mesmos – Deus – para se auto desprezar, para desprezar a natureza e se estimular; em outra dimensão, como um verme expelido da doença masculina, os homens produzem outro espelho – a mulher em si – mas agora não para se compararem, mas para que as mulheres se comparem.

Se for levado em consideração as imagens da mulher científica e da mulher artista, da mulher desprezada pelas mulheres e das mulheres desprezadoras da mulher, torna-se manifesto a concepção de Nietzsche: a mulher científica é aquela que cedeu ao espelho masculinizado e quer fazer do reflexo seu próprio ser, ela negou o eterno feminino em prol da doença dos homens; a verdadeira mulher, aquela da arte, da astúcia, da vaidade, do jogo, da máscara, enfim, as mulheres do eterno feminino, elas desprezam o espelho e o reflexo que dele reluz. Pode-se dizer que estas últimas, na perspectiva de Nietzsche, ainda não foram infectadas pelo vírus masculino. Estas últimas são, enfim, mulheres sadias. Isso vai em consonância com a afirmação de Marton (2010, p. 177) quando ela diz que em *Além do Bem e do Mal* “criticando os filósofos dogmáticos, Nietzsche exalta pelo mesmo movimento a mulher que não consente em entregar-se a eles”.

Todas as questões colocadas, a título de conclusão, podem ser respondidas. A sentença 86 fala sobre autodesprezo ou sobre o desprezo pelo outro? Certamente é a segunda resposta, visto que a doença do autodesprezo é uma doença masculina e, como constatado, “a mulher” é um ideal produzido pelos homens. Outra questão colocada foi: “a personagem ‘as mulheres’ é diferente da personagem ‘a mulher’ nessa sentença?”.

A resposta a essa pergunta é completamente afirmativa, visto que as primeiras são identificadas com o eterno feminino e a segunda “faz parte do *afeamento*” da Europa, são, portanto, tipos diferentes de mulheres. Por que as mulheres desprezam “a mulher”? Ora, as verdadeiras mulheres têm muito de artista, de máscara, são dotadas de uma carga imensa de pudor, para se associarem aos homens na empreitada dogmática de descoberta da verdade a todo custo. Descobrir “toda a verdade” sobre a mulher seria, para as verdadeiras mulheres, um atentado ao pudor, à vaidade e ao bom gosto; seria arrancar das mulheres o que elas têm de feminino. A mulher artista não renega a personalidade de suas ações, ela não quer virar santo. A mulher cientista, por outro lado, está à procura de redenção, mas trocou Deus pela Verdade, ou melhor, pela mulher em si.

REFERÊNCIAS

GIACOIA, Oswaldo. Nietzsche e o Feminino. In: *Natureza Humana* ed. 4 (1): p. 9-31. jan-jun, 2002.

MARTON, Scarlett. Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher. In: *Estudos Nietzsche*, v. 1, n. 1, p. 161-179, Curitiba: jan/jun. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Antonio Carlos Braga. 3 ed. Escala. São Paulo, 2011.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Lima de Souza. Editora SCHWARCZ Ltda. São Paulo, 2006.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. Editora SCHWARCZ Ltda. São Paulo. 2000.

SILVA, Vagner da. A tipologia nietzschiana. In: *Dialogia*, v. 7, n. 1. p. 103-112. São Paulo, 2008.